

## **RESISTÊNCIA, IDENTIDADE E VISIBILIDADE: O CORPO POLÍTICO DAS LÉSBICAS**

**Zora Yonara Torres Costa**

**Resumo:** Este artigo tem por finalidade estabelecer um diálogo sobre a formação do corpo político das lésbicas, dinamizado e processado historicamente. Nesse processo, surgem novas formas, como assim indica Foucault, em um jogo político. Deduz-se que, decerto, o conceito de identidade problematizado conduz a uma compreensão da formação do corpo político das lésbicas e os elementos envolvidos em técnicas de saber-poder que manipulam o corpo ‘lesbiano’ para sua normatização.

**Palavras-chave:** identidade; sexualidade; política; lésbica; corpo.

**Abstract:** This article intends to establish a dialog on the formation of the political body of lesbians, boosted and processed historically. In this process, there are new forms, as indicates Foucault, in the political game. It appears that the problematized concept of identity problematized leads to an understanding of the formation of the political body of lesbian and the elements involved in techniques of knowledge-power that manipulate the ‘lesbiano’ body to their regulation.

**Keywords:** identity, sexuality, politics, lesbian; body.

### *Resistência política:*

Compreender os conceitos de resistência (era moderna) e visibilidade (contemporaneidade) tornou-se imprescindível para alcançar a ideia que será desenvolvida sobre a constituição do corpo político das lésbicas. Vale destacar que o presente texto estabelecerá uma discussão apoiada em concepções como lesbianismo, dominação e poder – fatores atuantes no processo de formação do corpo político lesbiano, o qual surgiu na Grécia e chegou até a contemporaneidade, explicitado de forma multifacetária.

Nesses termos, a constituição do corpo político das lésbicas parece encontrar limitações ao insurgir-se no mundo. As representações que guiam esse corpo acrescentam sentidos diversos, os quais indicam adjetivações desqualificantes e pejorativas. Dessa maneira, como na contemporaneidade são pensadas as categorias visibilidade e resistência do corpo político das lésbicas?

Visibilizar significa tornar algo ou alguém visível. Estar visível é ser percebido. Assim, o termo visibilidade é uma qualidade dos corpos que são percebidos pelo sentido da visão.

Visível, o corpo político das lésbicas se constituiu, e desse modo, visibilizado no espaço público, local em que as coisas aparecem, tornou-se parte da cidade.

Como a era moderna aproximou esse corpo do conceito de anormal, este aparece como um monstro a ser examinado, suscitando categorias como medo, invisibilidade e silêncio. Logicamente, a exposição desse período fez esse corpo resistir, embora, na contemporaneidade, a perspectiva tenha mudado e uma nova forma de agir passou a vigorar.

Nóbrega afirma que “carne, o verbo, o desejo, a linguagem, a história se entrelaçam e constituem o visível e o invisível do corpo. O corpo é outro gênero de ser, paradoxal, pois se encontra na ordem das coisas, sem o sê-lo”. (NOBREGA, 2007, p. 9)

Assim, o corpo político das lésbicas é paradoxal, pois na medida em que é passa, assim, a não ser na era moderna. Um corpo visto, mas ao mesmo tempo invisibilizado na sua condição. Segundo Selem, “a fim de subverter o olhar sobre as representações das mulheres na sociedade, o feminismo lésbico surge como uma corrente que propunha a busca de perspectivas mais combativas (...)” (SELEM, 2007, p. 64) – debate que acende os componentes elementares para a subsistência do corpo que resiste.

Nesse sentido, o termo lesbianismo aparece como uma saída política ontologicamente constituída enquanto pensamento que gera ideologia. Dessa maneira, assume-se aqui o uso do termo lesbianismo como um pensamento político, sendo importante ressaltar o que Costa aponta:

(...) a palavra lesbianismo abarca um debate crítico na sociedade acadêmica e científica acerca do final *ismo*, o termo mais utilizado na atualidade é lesbienneidade, pois o sufixo *ismo* determinaria doença. Logicamente que a relação homoafetiva não é mais considerada uma patologia, sendo consenso na comunidade de psicólogos, filósofos, e médicos esta posição. Importa esclarecer, que o sufixo *ismo* é utilizado para indicar teorias, movimentos sociais, correntes de pensamento, desta forma a utilização do termo aqui apresentado será lesbianismo, designando movimento social, assim como feminismo (COSTA, 2008, p. 96).

O lesbianismo, então, em certo sentido, tornou-se uma corrente de pensamento.

Repleto de elementos filosóficos, foi conduzido, então, para o processo de descoberta do corpo político das lésbicas.

Para Wittig, o lesbianismo é um conceito revolucionário. Em seus estudos e pesquisas, enfatizou que “ ‘as lésbicas não são mulheres’, o que significa que as lésbicas, então, estariam fora do domínio heterossexista” (WITTIG, 1992, p. 4) por causa da própria natureza e constituição das suas relações. O corpo político das lésbicas se constituiu em meio às configurações sociais, estando as lésbicas inseridas no processo de dominação, então estas não estariam fora do domínio heterossexista, o que levaria à imposição do poder, assim como afirmou Foucault – “como o próprio corpo é investido pelas relações de poder”. (FOUCAULT, 1987, p.27)

Esse corpo é incluído para ser excluído, aparece sob o domínio do poder das instituições como o Estado, a escola, a família e a sociedade. Destaca-se que esta inclusão desencadeou novas formas de apropriação para normalizá-lo.

O corpo político das lésbicas se constitui também em meio aos efeitos hegemônicos dos desígnios da exclusão, esse desqualificado e considerado transgressor e anormal. O corpo das lésbicas tornou-se um acontecimento e, sendo assim, parte-se da premissa de que alguém só é algo na medida em que existe seu reconhecimento social.

“Reconhecimento é conhecer algo por aquilo que é” (ABBAGNANO, 2007, p. 982). Desse modo, ao considerar os aspectos do âmbito privado, seria reconhecer este como ‘identidade em’, a qual é movida em uma direção sociocultural para o âmbito coletivo, originando, a ‘identidade para’. Sendo assim, a identidade existe em dois sentidos: a ‘identidade em’ e a ‘identidade para’, promovendo uma fluidez desta formação identitária do corpo político das lésbicas.

#### *Identidade lesbiana:*

A partir do conceito de identidade de Tania Navarro é que se estabelecerá uma discussão sobre o termo identidade. Navarro disse que “a identidade nômade é assim uma posição de sujeito ocupada em uma situação, em uma sociedade dada” (NAVARRO, 2011, p.13), o que sugere uma construção identitária dinamizada e fluente que ultrapassa as

margens do antes e do depois, do ontem e do agora, do ‘em’ e do ‘para’.

Dessa forma, atribuir uma identidade nômade ao corpo político das lésbicas, significaria essencialmente afirmar que a dinâmica ‘em e para’ é diferente em sua constituição, mas, ao mesmo tempo, análoga porque estão substanciadas por um contexto mundano ou fluido.

Os elementos filosóficos e societários coadunados com o princípio de identidade nômade teriam a característica de que cada coisa é aquilo que é, e o corpo político das lésbicas é aquilo que é, mas transmutado por memórias que nascem da formação ‘identitária em’ – individual, incidindo na ‘identidade para’ – coletivo.

Para tanto ao entender a formação da ‘identidade em - individual’ é preciso analisar as questões intrínsecas constituintes, um corpo que se origina com a ‘amizade, amor, *eros*, poesia’, em que o estético e político também coexistem.

A ‘identidade para - coletivo’ surge, então, frente à proposta mundana que nomeia esse corpo de errante, bem como o faz ocupar os espaços público e privado e o aproxima da ideia de transgressão e de anormalidade.

As identidades no sentido ‘em e para’ coexistem e criam nova possibilidade de atuação política na contemporaneidade. A identidade nômade que vai além das questões intrínsecas, articulando com o emaranhado extensivo do mundo, reúne o individual - ‘em’ com o coletivo – ‘para’.

Ontem um corpo transgressor, caricato e anormal, hoje um corpo visível e portador de direitos. Assim, a identidade ‘em’ reúne as qualidades intrínsecas, como exemplo a resistência do corpo político; e a identidade ‘para’, reúne as qualidades extrínsecas, como exemplo a visibilidade.

Assim, a interlocução entre as identidades ‘em’ e ‘para’ forma o sujeito político lésbica. Dessa forma, o sujeito político lésbica é participante ativo do espaço societário, principal personagem das mudanças por excelência. A vida política e as subjetividades implicadas partem, então, dessa constituição, envolvendo teorização e compreensão dos discursos e memórias conceituadas a partir do espectro individual – mundo interno, o qual se relaciona com o espectro coletivo – mundo externo.

Importa esclarecer também que as maneiras de entender o termo identidade variam

na filosofia (ABBAGNANO, 2007, p. 612). Aqui, a perspectiva identitária envolve uma interioridade particular individual, carregada de características pretéritas que desfiguram e, ao mesmo tempo, formam a base própria do corpo político, no qual o sujeito efetua interações no coletivo. Tal binarismo do individual e do coletivo envolve memórias inteligíveis, desde o extermínio por meio das fogueiras santas até a medicalização para uma pseudo cura do lesbianismo.

De todo modo, a partir das memórias que o constitui, o lesbianismo na contemporaneidade propõe um agir político em oposição aos sentidos do poder que pressupõe dominação e invisibilidade deste corpo.

Segundo Navarro, “(...) é que nem o sexo biológico, nem o gênero, nem as práticas sexuais podem dar uma definição do ser humano, atestando uma essência qualquer ou uma substância estável de homogeneidade individual.” (NAVARRO, 2011, p. 5) Mas, em certo sentido, espectros individuais são balizados na singularidade, mas compartilhados na multidão.

Nesse sentido, Revel, a partir do pensamento foucaultiano, afirma que:

O problema da produção das subjetividades pertence, portanto, ao mesmo tempo, à descrição arqueológica da constituição de certo número de saberes sobre o sujeito, à descrição genealógica das práticas de dominação e das estratégias de governo às quais se pode submeter os indivíduos (...). (REVEL, 2005, p. 85)

Assim, o sujeito político lésbica está circunscrito a partir dos elementos filosóficos, sociais e culturais desenvolvendo uma identidade nômade com princípios e matrizes para uma efetiva ação. Este agir discorre sob a égide do espectro individual, englobando o espectro coletivo.

Em certo sentido, o sujeito político lésbica no mundo é reflexo da memória, concretizada no presente, que se atualiza com novas formas de agir. Assim, o agir coletivo e o sujeito político lésbica ultrapassam os desígnios do biológico, o qual abarca a naturalização do sexo imposto na constituição do que se deve considerar como mulher e como homem na sociedade, sem dúvida é como se uma identidade tomasse apenas por base a formação do sexo.

Desse modo, é preciso compreender para além do sexo biológico, pois existe um

sujeito do mundo. Um sujeito político dotado de uma identidade nômade e, portanto, composto por relações societárias mundanas, com formulações individuais, coletivas históricas e políticas.

E, sendo assim, ao verificar o mundo, afere-se que a formação desse sujeito está impossibilitada do isolamento em "si mesmo", pela própria composição coletiva.

Na obra *História da sexualidade, o cuidado de si*, Foucault investigou as ideias morais acerca do sexo e a relação moral cristã, e afirmou que:

É no quadro dessa cultura de si, de seus temas e de suas práticas que foram desenvolvidas, nos primeiros séculos de nossa era, as reflexões sobre a moral dos prazeres; é preciso olhar para esse lado a fim de compreender as transformações que puderem afetar essa moral. Aquilo que a primeira vista pode ser considerado como severidade mais marcada, austeridade acrescida, exigência mais estrita, não deve ser interpretado, de fato, como um estreitamento das interdições; o campo daquilo que podia ser proibido em nada se ampliou e não se preocupou organizar sistemas de proibições autoritárias e mais eficazes. (FOUCAULT, 2005, p. 71-72)

Neste sentido, o corpo político logicamente se expressa aquém do autoritarismo que se organiza frente à fala compulsória. Apontadas anteriormente, as formas de interdições bem eficazes para o domínio e o controle do corpo se fazem presentes de modo a afetar os corpos. Dessa maneira, o conceito de identidade nômade aumenta a tenacidade para a constituição do sujeito lésbica, uma identidade 'em e para', que necessariamente forma um conjunto de caracteres próprios e exclusivos, que, de tão dinâmicos, criam uma interlocução nos âmbitos individual e externo, produzindo o sujeito lésbica.

Uma genealogia do sujeito lésbica? É certo que essa genealogia consente precisamente a reinscrição histórica dos fatos nos quais a identidade nômade é parte da constituição do corpo político.

Em Foucault, há um fazer genealógico, uma *ontologia histórica* (FOUCAULT, 2005, p. 53), interpretada na atualidade como episódio que questiona a situação presente, refletindo o pretérito e a resistência ante a despolitização nas sociedades de massa ou as modernas práticas disciplinares e do biopoder.

O sujeito político lésbica se compõe a partir de sua própria estrutura, envolvendo a existência do cuidado de si em oposição ao biopoder e às técnicas disciplinares de dominação. Portanto, ao tratar das categorias identidades 'em e para' foi verificado que

ambas possuem uma conotação crítica denunciando os fatos sociais, formando uma nova composição que mistura o individual e o coletivo.

É, portanto, a ressignificação do sujeito político lésbica que fez surgir o corpo-resistência, corpo-visível, apoiado nas identidades ‘em e para’, envolvendo o individual e o coletivo no enfrentamento do poder que acometeu esse corpo.

### *O corpo resistência em Butler:*

Ao realizar uma discussão sobre a questão de gênero, Butler propõe, em sua obra “Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade”, que

A marca do gênero parece “qualificar” os corpos como corpos humanos; o bebê se humaniza no momento em que a pergunta “menino ou menina?” é respondida. As imagens corporais que não se encaixam em nenhum desses gêneros ficam fora do humano, constituem a rigor o domínio do desumanizado e do abjeto, em contraposição ao qual o próprio humano se estabelece. (BUTLER, 2003, p. 162)

Essa citação traz um questionamento acerca da construção da categoria gênero e como essa humanização/desumanização e suas imagens corpóreas se relacionam a partir da estruturação sociocultural, transformando o gênero em sujeito com corpo político.

Existe um conjunto de significados que são captados no contexto cultural e que possibilitam identificar que o gênero é apreendido, sendo uma espécie de ato cultural-corporal a exigir uma nova linguagem fazendo com que haja uma diversidade categórica que se expande.

Então apontar as especificidades na expansão categórica é avançar na discussão que se inicia para a construção do corpo político.

Inicialmente pensar na categoria sexo é remeter a um ponto de vista político da naturalização da sexualidade meramente procriadora, dando elementos constitutivos para a normatização da identidade de gênero e da orientação sexual. Desse modo, acontece então uma exclusão que marca profundamente o corpo político das lésbicas.

O corpo político das lésbicas parece inaugurar uma nova categoria, já que não são constituintes das categorias sexo e gênero, que possuem uma linguagem que de certo modo agrupa dados imediatos ou características físicas que fazem parte do signo da natureza, as

lésbicas recusam a normatização e o percurso dos atributos da heterossexualidade.

A marca reprodutiva aparece como elemento forte nesta discussão, como uma percepção direta do sexo. Desse modo, o discurso de ser mãe carrega indiscutivelmente as categorias de sexo e o signo do que é ser mulher na sociedade. É como se a maternidade constituísse um dado objetivo da experiência de ser mulher, pertencendo, por essa razão, à ordem natural, sendo essa percebida como algo físico e necessário a todas as mulheres - uma construção do sistema social. Essa questão merece ser melhor debatida, mas não será tratada aqui.

As mulheres, independentemente da sua orientação sexual, podem romper com a imposição cultural da reprodução e criar uma nova linguagem do corpo físico percebido fragmentariamente no sistema social. As lésbicas estão inscritas nesse sistema que possui uma linguagem que tem o poder de nomear o que é tido como legítimo e real e, dessa forma, marcar e substituir a unicidade do corpo em meros pedaços.

Parafraseando Butler, a unidade imposta ao corpo pela categoria sexo é uma desunidade, pois pensar as partes sexuais, como vagina, útero, ovários, que realizam a procriação é remeter-se à ideia fragmentária da totalidade do corpo. O sexo presente nessa discussão fragmentária pertence, então, a uma realidade discursivamente constituída, servindo para o propósito da dominação.

#### *Dominação e o terceiro gênero:*

Essa dominação está inscrita em uma linguagem que, repetida ao longo do tempo, produz efeitos sobre a realidade, resultando em acontecimentos. Tal conjunto de fatos é considerado uma prática que vem sendo repetida em relação à diferença entre os sexos, criando-se o que se denomina de divisão naturalizada. Desse modo, Butler afirma que

A “nomeação” do sexo é um ato de dominação e coerção, um ato *performativo* institucionalizado que cria e legisla a realidade social pela exigência de uma construção discursiva/perceptiva dos corpos, segundo os princípios da diferença sexual. (BUTLER, 2003, p.168)

A configuração sexual dos corpos é estabelecida, então, pela imposição da categoria sexo, que aprisiona por meio da linguagem projetada, impregnando nas entranhas do corpo

social um cenário real de violência do que é tido como normal. Pensar na normalidade é evidenciar tal marca que oprime a todos, e incide diretamente na constituição de uma forma única de orientação sexual, que deveria seguir padrões objetivando a procriação. Essa linguagem apresentada se estrutura de forma que todos aceitam sem questionar o padrão heterossexual. O discurso da igreja e das sociedades culturalmente se fundamenta na ideia de que o homem é feito para a mulher, e vice versa, e novamente o sexo aparece como ponto central da discussão.

O discurso torna-se, então, opressivo, já que exige uma fala sem questionamentos do que está ontologicamente e culturalmente inscrito no interior do sistema social. O poder dessa afirmação discursiva está impregnado no imaginário da sociedade e mergulha o corpo político das lésbicas em uma violência objetiva, a qual dispõe de discernimento acerca deste poder, sendo coagidas a lidar com ele.

Sendo assim, o enfrentamento que as lésbicas estabelecem subscreve esse poder violento que ocorre por meio da construção de uma linguagem coletiva. A reificação do sexo socialmente imposta deformou o corpo político das lésbicas, criando (im)possibilidades para a realização do projeto político e a materialização do terceiro gênero. Esta discussão que Wittig realiza deixa claro que não há distinção entre sexo e gênero, a categoria de sexo trás marcas de gênero, é politicamente investida, naturalizada, mas não natural. Para Wittig, a mulher só existe para estabilizar a relação binária, e neste caso as lésbicas não são mulheres, as lésbicas transcendem a relação binária. A lésbica parece ser um terceiro gênero (BUTLER, 2003, p. 164).

A concepção do terceiro gênero, deste modo, traria a derrubada do sistema relação binária expandindo o campo cultural e a diversidade sexual, trazendo, assim, uma visão universal. Entretanto, compreender que politicamente a existência da estrutura binária condiciona a relação de sujeição, pois permite que a dominação linguística dos atributos físicos e a fragmentação dos corpos tragam artificialidade para a discussão, revelando a plenitude do campo ontológico distorcido nesta narrativa.

A questão contemporânea de expansão da diversidade sexual está permeada de estratégias conscientes por parte do corpo político das lésbicas que resistem à hegemonia da relação binária. Com isso, segundo Butler “para Wittig, falar é um ato de poder”.

(BUTLER, 2003, p. 174), permitindo o reconhecimento e a visibilidade no mundo, desafiando a imposição heterossexual sobre os corpos e a categoria sexo, além de reafirmar direitos que são negados e enfrentar a invisibilidade e o silêncio contextualizado socialmente e por meio da linguagem. Segundo Butler,

Esse “contrato” linguístico ideal ou primário opera no nível implícito. A linguagem tem uma possibilidade dupla: pode ser usada para afirmar a universalidade verdadeira e inclusiva das pessoas, ou pode instituir uma hierarquia em que somente algumas pessoas são elegíveis para falar, e outras em virtude de sua exclusão do ponto de vista universal, não podem “falar” sem desautorizar simultaneamente sua fala. (BUTLER, 2003, p.167)

O construto do poder da fala permite o deslocamento reativo do lugar dos corpos políticos das lésbicas que reagem coletivamente e emergem do lugar marginal e de exclusão o qual foram introduzidas pelo discurso normatizador. Esse corpo desafia e cria uma perspectiva nova, modelando-se, assim, de forma unificadora, em uma linguagem política.

Diante disso, identificar o que circunscreve a linguagem política, permitindo a visibilidade das lésbicas na contemporaneidade é fundamental para verificar os precedentes religiosos e cartesianos que compreendem esse corpo como um ente pecaminoso e doente.

Fatalmente silenciá-lo ou curá-lo é condição para purificá-lo na ordem normatizadora e fundamentalista dessas instituições. Tornar, assim, esse corpo consciente é romper com a sujeição e a dominação presentes nos discursos que estabelecem fronteiras e servem ao propósito naturalizador, limitando e definindo ideias de purificação para punir o que está transgredindo o sistema.

Em um dado sentido, o corpo político das lésbicas carrega marcas excludentes que são operadas pela subversão da ordem. Com atributos estigmatizantes, as lésbicas são invisibilizadas socialmente. A sua condição a mergulha em um silêncio socialmente aceito. A fala desaparece dando lugar para a lesbofobia/homofobia, reforçando, por parte de alguns indivíduos, o medo e o desprezo pelas lésbicas.

A terminologia homofobia é usada para descrever uma repulsa face às relações afetivas e sexuais entre pessoas do mesmo sexo, um ódio generalizado aos homossexuais, bem como todos os aspectos do preconceito heterossexista e da discriminação anti-homossexual. Já o termo **lesbofobia** é uma manifestação de violência frente a um modo de comportamento sexual considerado “diferente” – a própria opressão sofrida por mulheres

lésbicas. A lesbofobia, contorno do corpo natural, repousa na mentalidade societária. Na contemporaneidade, vêm-se intensificando as fronteiras do corpo político das lésbicas na medida em que não há o reconhecimento social. O corpo político das lésbicas traz a perda do sentido do normal e revela que esse entendimento do que é dito normal é uma impressão falha, um ideal que nenhum corpo agrupa. De acordo com Butler,

(...) como estratégia de sobrevivência em sistemas compulsórios, o gênero é uma *performance* com consequências claramente punitivas. Os gêneros distintos são parte do que “humaniza” os indivíduos na cultura contemporaneidade; de fato, habitualmente punimos os que não desempenham corretamente o seu gênero. (BUTLER, 2003, p.184)

Por meio de coação e punições reguladoras incorporadas, produz-se a ideia que o sexo natural, mulher ou homem, deve ter elementos e estilos corpóreos que designam o significado e configuram socialmente os papéis destinados compulsoriamente ao gênero.

Infelizmente, os papéis impostos socialmente marcam o corpo político das lésbicas, violentando e estabelecendo uma cópia infundada das relações binárias. Faz-se necessário ultrapassar esse conceito e verificar que as lésbicas não se enquadram nessa perspectiva. Paradoxalmente, as lésbicas promovem uma mudança do signo de gênero. Segundo Butler, “os gêneros não podem ser verdadeiros nem falsos, reais nem aparentes, originais nem derivados. Como portadores críveis desses atributos, contudo, eles também podem se tornar completa e radicalmente *incríveis*” (BUTLER, 2003, p.201).

Desse modo, o corpo político das lésbicas enquanto terceiro gênero se torna incrível, pois permite a extrapolação das imposições da relação binária na composição totalizante e unitária dos atributos essenciais ao corpo político. A visibilidade do corpo político das lésbicas tenta contradizer a ordem androcêntrica e sexista do mundo determinante. Assim, historicamente, as relações normativas se baseiam nas desigualdades de gênero e na repressão sexual e têm sido impostas para as lésbicas através da família, da escola, dos meios de comunicação e da agressão física ou psíquica, na tentativa de invisibilizar o terceiro gênero, ou seja, para as lésbicas, é negar direitos sociais, a participação política, é negar a existência ao corpo político.

*Considerações:*

O significado do termo “corpo político das lésbicas” teve como base a concepção foucaultiana sobre ‘corpo político’, estabelecido em meio às técnicas de reforço e ao poder.

Os saberes e as técnicas científicas na era moderna consideravam este corpo lesbiano como anormal e monstruoso, precisando ser corrigido e normatizado.

Assim, ao considerar a formação do corpo político lesbiano na modernidade, cabe questionar se as formas de manipulação deste corpo e as formas perversas de exclusão-inclusão impulsionaram para a origem do terceiro gênero. Como já discutido durante o texto, Wittig afirma que o fato das lésbicas transcenderem a relação binária, parece ser um terceiro gênero. Butler afirma que as lésbicas são este terceiro gênero.

Historicamente este corpo político surge não ocupando o mesmo lugar, não incorrendo em linearidade, ao contrário, avançou ou recuou de acordo com as possibilidades e impossibilidades dadas no período moderno e contemporâneo.

Na atualidade aparecem elementos como a resistência e a formação da identidade lésbica, além da visibilidade social. Outra importante questão considerada é que na formação da identidade do corpo político lesbiano existem os aspectos do âmbito privado, denominado ‘identidade em’, a qual é movida em uma direção sociocultural para o âmbito coletivo, a ‘identidade para’. Sendo assim, a identidade existe em dois sentidos: a ‘identidade em’ e a ‘identidade para’. Portanto, resistência e visibilidade permitiram na atualidade que o corpo político das lésbicas num agir político, dinâmico e autônomo se constituísse.

### Referências Bibliográficas

ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BUTLER, J. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*; tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2003.

COSTA, Z. Y. T. *Autonomia, Lesbianismo e Democracia: Conferência LGBTT*. Revista *ORG & DEMO*, ília, v.9, n.1/2, p. 95-110, jan./dez. 2008.

FOUCAULT, M. *Os Anormais*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

\_\_\_\_\_. *Em defesa da Sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

\_\_\_\_\_. *História da Sexualidade. A vontade de saber*. Ed. Graal: Rio de Janeiro, 1988.

\_\_\_\_\_. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987.

RAVEL, J. *Foucault conceitos essenciais*. São Carlos: Claraluz, 2005.

SELEM, M. C. O.. *A Liga Brasileira de Lésbicas: produção de sentidos na construção do sujeito político lésbica*. Dissertação (Mestrado Universidade de Brasília) Brasília, p.192, 2007.

TOLEDO, Livia Gonsalves. *Considerações narrativas sobre as vivências afetivo-sexuais entre lésbicas e suas relações com os mitos e estereótipos a respeito da lesbianidade*. 2008. p.4.

WITTIG, M. *The Straight Mind: and other essays*. Boston: Beacon Pres, 1992.

#### INTERNET:

AGÊNCIA BRASIL. Disponível em: <http://www.agenciabrasil.gov.br/noticias/2006/09/25/materia.2006-09-5.6363393980/view>>. Acesso em: 29 set 2011.

GRUPO GAY DA BAHIA. Disponível em: <[www.ggb.org.br](http://www.ggb.org.br)>. Acesso em: 12 out. 2010.

HOMOFOBIA. Disponível em: < <http://ex-aequo.web.pt/homofobia.html>>. Acesso em: 14 jul. 2010.

HOMOFOBIA. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Homofobia>>. Acesso em: 12 ago. 2010.

PRIBERAM. *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* (DPLP). Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dlpo/sobre.aspx>>. Acesso em 8 set. 2011.

NAVARO, T. S. *Lesbianismo: identidade ou opção eventual?* Disponível em: <<http://taniaavaroswain.com.br/chapitres/bresil/identidade%20lesbiana.htm>>. Acesso em: 10 set. 2011.

\_\_\_\_\_. Tania Navarro Swain. Disponível em: <<http://www.taniaavaroswain.com.br/labrys/labrys8/taniabr.html>>. Acesso em: 10 set. 2011.

NOBREGA, T. P. da. *Merleau-Ponty: o filósofo, o corpo e o mundo de toda a gente!* . Disponível em: < <http://www.cbce.org.br/cd/resumos/129.pdf>>. Acesso em: 9 set. 2011.

THE *INTERNET MODERN HISTORY SOURCEBOOK*. Disponível em <<http://www.fordham.edu/halsall/mod/modsbook.asp>>. Acesso em: 21 de jan. 2012.